A Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores: história e memória[1]

Luís Reznik
UERJ/ PUC-Rio

Rui Aniceto Nascimento Fernandes
UERJ

Henrique Mendonça da Silva
UERJ

A EXPERIÊNCIA DO DESLOCAMENTO ESPACIAL está fortemente presente na vivência de boa parte das famílias brasileiras, sejam elas descendentes de imigrantes internacionais ou migrantes das várias partes do Brasil.

A Ilha das Flores abrigou a primeira Hospedaria de Imigrantes do Brasil. Foi criada pelo governo imperial em 1883 e funcionou até 1966. Por ela passaram centenas de milhares de indivíduos que saíram de suas terras natais para uma nova vida no Brasil. A maioria dos imigrantes que chegou pelo Porto do Rio de Janeiro teve o primeiro contato com o país e com os brasileiros na Ilha das Flores. Dali eram transportados para várias localidades do país.

Imigração e cultura histórica: o Centro de Memória da Imigração da Ilha das Flores

Em 2011, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) firmou convênio com a Marinha do Brasil para a criação do Centro de Memória da Imigração da Ilha das Flores. Hoje em dia, a Ilha pertence à Marinha e sedia a Tropa de Reforço dos Fuzileiros Navais.

O conjunto arquitetônico e paisagístico da Ilha permanece, em grande parte, similar àquele vivenciado pelos imigrantes há um século. Ainda hoje é possível percorrer as instalações da antiga hospedaria do Rio de Janeiro, observar o mar, aproveitar a sombra de inúmeras árvores centenárias, visitar os dormitórios e o salão de refeições onde até 2500 pessoas se reuniam. Ressuscitar a hospedaria, retirá-la do esquecimento e do silêncio implica em fazer daquele espaço e naquele espaço um lugar de sensibilização para a complexa e multifacetada experiência de processos migratórios, em particular a experiência da imigração e dos imigrantes. Impõe-se também criar um ambiente propício para a rememoração dos dramas vivenciados, no passado, por indivíduos, famílias e grupos, de modo

1 Este trabalho é parte de projeto de pesquisa para a constituição do Centro de Memória da Imigração da Ilha das Flores, apoiado pela Faperj.

que cada futuro visitante possa criar vínculos com esse cenário e constituir seus próprios significados para essa experiência. Em outras palavras, busca-se transformar a Ilha das Flores em um "lugar de memória",[2] através de exposições para o grande público.

As narrativas estruturadas para serem utilizadas em uma exposição ou museu histórico diferem do discurso historiográfico propriamente dito. Certamente, essas narrativas dialogam com a historiografia. Todavia, suas formas e funções são diferenciadas e, por isso, integram o universo mais amplo da cultura histórica, compreendida como a relação efetiva e afetiva que a sociedade e os grupos sociais têm com o passado, com o seu passado.[3]

Como sabemos, o conjunto de imagens, ideias e valores que, de forma mais ou menos coerente, compõe a visão de passado que tem uma sociedade não é derivada exclusivamente, nem predominantemente, das contribuições de historiadores profissionais/acadêmicos. A bem da verdade, a criação e disseminação dessas representações do passado estão fortemente ancorados, hoje em dia, nas séries televisivas, novelas, filmes, revistas de divulgação, parques temáticos entre outros atrativos midiáticos e turísticos de entretenimento.

O investimento em constituir um museu e um centro de memória relaciona-se a essa percepção da importância do papel e dos usos sociais da memória histórica no espaço público. Nesta direção foi feito um esforço de investigação e levantamento de uma diversidade de materiais de memória: iconografia (mapas, fotografias, cartões postais), documentação arquivística,[4] depoimentos de imigrantes, funcionários e familiares, vídeos, como por exemplo, da visita de Vargas à Hospedaria e os relatos memorialísticos e autobiográficos.

Esse trabalho pretende apresentar um mapeamento preliminar acerca das experiências pretéritas vivenciadas na Hospedaria da Ilha das Flores, no sentido de inventariar questões, com base nos documentos e narrativas disponíveis.

---

2 Cf. NORA, Pierre. "Entre memória e história: a problemática dos lugares". *Projeto História* – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduandos em História e do Departamento de História, São Paulo, PUC-SP, nº 10, dez. 1993, p. 7-28.

3 Cf. RUSEN, Jörn. "¿Quéesla cultura histórica?: reflexiones sobre uma nuevamanera de abordar la historia"; e SANCHEZ, Marcos Fernando. "Cultura histórica". In: *Cultura historica*, 2009. Os dois textos estão disponíveis em: <http://www.culturahistorica.es/tema.html>.

4 Entre os principais acervos, aqueles guardados no Arquivo Nacional, no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro e no Arquivo da Marinha; vale registrar que no primeiro encontram-se os livros de registro da entrada de imigrantes na Hospedaria da Ilha das Flores e ricos relatórios oficiais.

Hospedaria da Ilha das Flores – uma breve cronologia

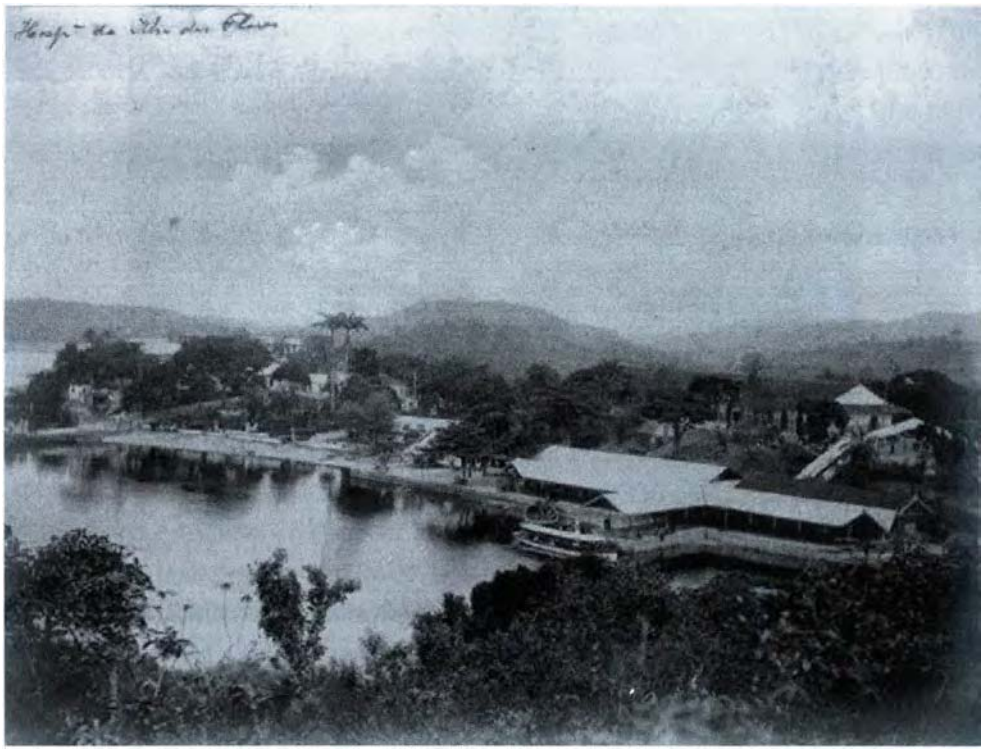

FIGURA 1. Vista panorâmica da Ilha das Flores. Sem data. Autor desconhecido. Coleção Leopoldino Brasil. Coleção particular

Em princípios do século XIX, a Ilha das Flores pertencia a Delfina Felicidade do Nascimento Flores e seria denominada de Santo Antônio.[5] É possível que o seu nome atual decorra dessa proprietária, pois o local deveria ser conhecido como a "ilha da D. Flores" e com o passar do tempo ficou Ilha das Flores.[6] Em 1857, a Ilha foi adquirida pelo Conselheiro e Senador do Império José Ignácio Silveira da Motta.[7] Ao adquirir a Ilha das Flores, Silveira da Mota tornou-a um lugar de experimentos agrícolas e de piscicultura. Desenvolvia-se ali a criação intensiva em seis tanques que comportavam até doze mil peixes.

5 PINTO, Alfredo Moreira Pinto. *Apontamentos para o dicionário geográfico do Brasil*, vol. II. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1896, p. 28.

6 LAMARE, Joaquim Raimundo de. *Planta hidrographica da Bahia do Rio de Janeiro*. 1847.

7 *Escritura de venda de uma ilha acima da Armação ao Exm.º* Senador Dr. Ignácio Silveira da Motta. 10/07/1857. Cópia transcrita pelo Instituto Nacional de Imigração e Colonização. 07/08/1957. In: *Livro do Comando da Tropa de Reforço*. Mimeo. s/d. Acervo: Ilha das Flores

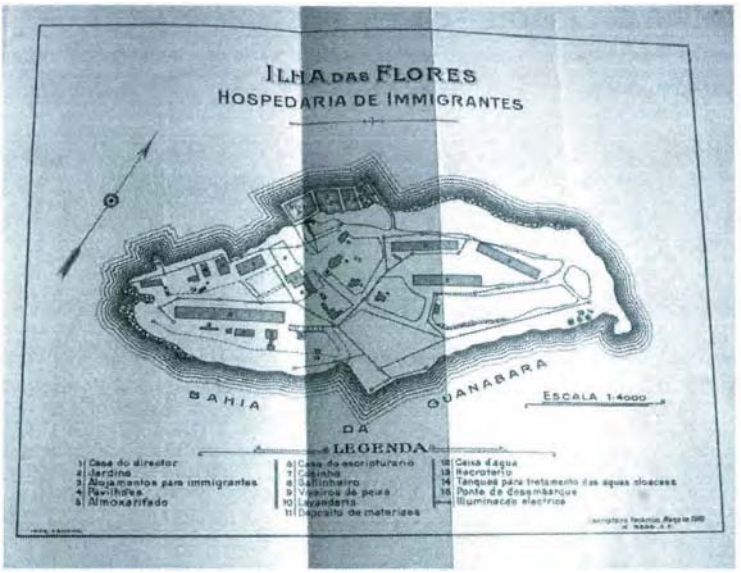

FIGURA 2

A Comissão do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura – responsável pela avaliação das experiências de piscicultura que ali se realizavam – informava, em 1876, que o "o terreno da ilha está, em grande parte, inculto; a porção, porém, aproveitada em jardim, horta, pomares e roças mostra a feracidade natural, pelo desenvolvimento e viço do arvoredo e plantações".[8] Constatava-se a produtividade pelo elevado número de árvores frutíferas – havia 800 videiras carregadas –, leguminosas na horta e plantava-se mandioca para produção da fécula. A ilha contava ainda com galinheiros e currais.

Após a visita desta Comissão, iniciaram-se as negociações entre o senador e o governo do Império para a venda da ilha. A conclusão da transação ocorreu no início de 1883.[9]

A criação da hospedaria integrava o conjunto de políticas do Estado Imperial de fomento à imigração. Na ausência de hospedarias oficiais, o governo subsidiava particulares, uma delas situada no Baldeador, em Niterói.[10] Em 1876 foi criada a Inspetoria Geral de Terras e Colonização, então encarregada de regular desde a entrada dos imigrantes até sua instalação nos locais de destino.[11]

Ao longo de sua existência a Hospedaria da Ilha das Flores ficou a cargo de diversos órgãos federais. Inicialmente a imigração era de responsabilidade da Secretaria de Estado dos Negócios da

8 Imperial Instituto Fluminense de Agricultura. *Relatório da Commissão encarregada de examinar o estabelecimento de piscicultura da Ilha das Flores.* Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1876.

9 *Escritura de venda da ilha denominada das Flores, dos Ananazes e da Maxingueira, situadas na Bahia do Rio de Janeiro, que fazem o Conselheiro Senador José Ignácio Silveira da Motta e sua mulher a Fazenda Nacional.* 1883. Cópia transcrita pelo Instituto Nacional de Imigração e Colonização. 04/06/1957. In: Livro do Comando da Tropa de Reforço. Mimeo. s/d. Acervo: Ilha das Flores.

10 BRASIL. Ministério da Agricultura. *Relatório do Ano de 1882.* Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1882.

11 ZAIDMAN, Diana. *A imigração ao Brasil no Império: o caso particular da Hospedaria da Ilha das Flores.* Dissertação (mestrado em História) – UFF, Niterói, 1983.

Agricultura, Comércio e Obras Públicas,[12] a qual a Inspetoria estava associada. No ano de 1931, passou ao Ministério do Trabalho, sendo subordinada ao Departamento Nacional de Povoamento. Em 1954, retorna para a pasta da Agricultura, primeiro sob a responsabilidade do Instituto Nacional de Imigração e Colonização, depois sob jurisdição da SUPRA (Superintendência de Política Agrária) e posteriormente, vinculada ao Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário. Em 1966, a Hospedaria foi extinta.

Seguindo o modelo da Ilha das Flores foram criadas instituições congêneres em outras partes do Brasil: Campinas, Florianópolis (Saco do Padre Inácio), Espírito Santo (Pinheiral, Pedra d'Água e Alfredo Chaves), Rio Grande do Sul (do Cristal), Pernambuco (Jaqueira, em Recife), no Amazonas e no Pará.[13]

Imigração – registros da Hospedaria na primeira década

A grande maioria dos imigrantes que entravam no país pelo porto do Rio de Janeiro esteve, em breve estadia, na Hospedaria da Ilha das Flores.

O Arquivo Nacional guarda os livros de registro da Hospedaria, entre 1883 e 1932. Neles constam os dados das datas de entrada e saída na Ilha, os nomes e idades de todos os que ali ingressaram (homens, mulheres e crianças), a nacionalidade, o porto de proveniência e o vapor, o meio de transporte e o destino para onde foram no Brasil.

Ainda está por ser realizada uma pesquisa criteriosa com base nesse conjunto documental. Por ora, podemos afirmar que, durante a sua primeira década de funcionamento, a Hospedaria da Ilha das Flores abrigou quase 30% dos imigrantes que entraram no país, conforme tabela abaixo:

TABELA 1. Imigrantes registrados na Hospedaria da Ilha das Flores, por nacionalidade

Nacionalidade	1883-1887 / 1890-1893[1]	Brasil – 1884-1893[2]
Italianos	93.052	510.533
Portugueses	43.941	170.621
Alemães	22.230	22.778
Espanhóis	36.205	113.116
Outros[3]	46423	66.620
TOTAL	241.851	883.668

1. Compilação elaborada a partir do levantamento no Livro de registros da Hospedaria da Ilha das Flores, Arquivo Nacional.
2. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento. p. 226. Apudhttp://www.ibge.gov.br/brasil500/tabelas/imigracao_nacionalidade_84a33.htm
3. No caso da Hospedaria da Ilha das Flores, metade dos "outros", era de russos, austríacos e franceses.

12 Posteriormente Ministério da Agricultura.

13 KUSHNIR, Beatriz. "A Hospedaria Central. A Ilha das Flores como a ante-sala do paraíso". In: HECKER, Alexandre; MATOS, Maria Izilda; SOUSA, Fernando de (orgs.). *Deslocamentos & histórias: os portugueses*. Bauru: Edusc, 2008, p. 59-73.

O quotidiano da hospedaria

Desembarque

FIGURA 3. Desembarque de imigrantes. Ilha das Flores. Sem data. Autor desconhecido. Coleção Leopoldino Brasil. Coleção particular.

"A chegada à Baía da Guanabara é algo que ninguém esquece", disse uma imigrante.[14] Depois de saírem de seu país de origem, os imigrantes europeus navegavam por aproximadamente 15 dias até chegarem à baía de Guanabara. Ainda no mar, recebiam a visita da inspeção sanitária e eram encaminhados em embarcações menores ao cais da Ilha das Flores. "O local é de uma beleza tropical confirmadora de sua denominação e quem a vê pela primeira vez em dia ensolarado fica irresistivelmente encantado com sua formosura", afirmou o médico Agenor Lopes de Oliveira, funcionário da Hospedaria entre 1931 e 1932.[15]

O cais ficava em frente ao prédio da administração central. Ali se localizava a casa do diretor, uma imponente construção de dois pavimentos, cercada por um belo jardim, aonde residia com sua família. À frente estava a Praia do Diretor, também chamada de Praia da Frente, de uso exclusivo dos funcionários e de seus convidados.

14 Graziella Andreani, depoimento aos autores, em 14 de julho de 2009.

15 OLIVEIRA, Agenor Lopes de. *Na Ilha das Flores.* Rio de Janeiro: Typ. Batista de Souza, 1933.

FIGURA 4. Navio ancorado no Cais da Hospedaria. Cartão postal. Sem data. Autor desconhecido. Coleção Marilene Martins Almeida. Coleção Particular.

FIGURA 5. Casa do Diretor da Hospedaria. Ilha das Flores. Sem data. Autor desconhecido. Coleção Marilene Martins Almeida. Coleção Particular.

Recepção e serviços

Assim que desembarcavam na Praça XV ou na Praça Mauá, os imigrantes eram conduzidos em pequenas embarcações até a Ilha das Flores, sendo encaminhados ao Serviço de Recepção de Hospedagem. Ali preenchiam um protocolo de identificação, que era o seu primeiro documento no Brasil.

FIGURA 6. Recepção de imigrantes. Sentado, ao centro, José Martins de Almeida, diretor da Hospedaria entre 1939 e 1948. Ao seu lado esquerdo, em pé, Leopoldino Brasil. Ilha das Flores (1939-1948). Autor desconhecido. Coleção Leopoldino Brasil. Coleção particular.

Após o registro, os imigrantes eram encaminhados ao Pavilhão Sanitário, onde ficava a farmácia, para os exames médicos. Existia também o Pavilhão Clínico, composto de hospital, maternidade e duas enfermarias. Para facilitar a comunicação entre os imigrantes e os funcionários havia intérpretes.

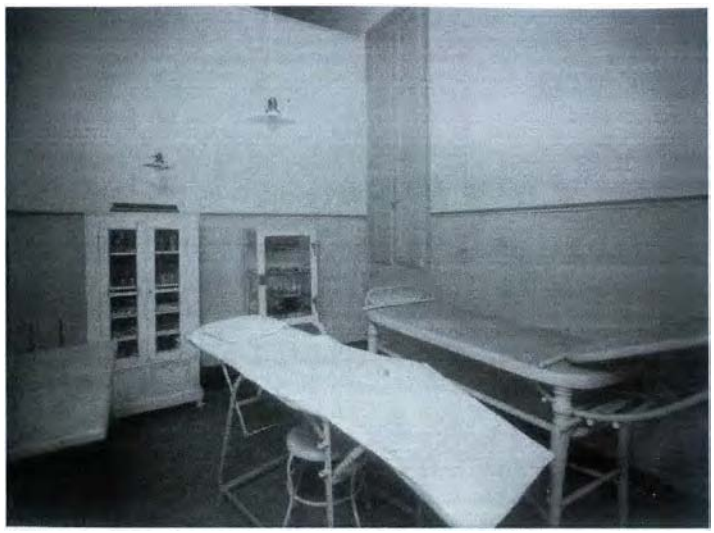

FIGURA 7. Consultório Médico da Hospedaria. Ilha das Flores. Sem data. Autor desconhecido. Coleção Leopoldino Brasil. Coleção Particular.

FIGURA 8. Sala de intérpretes da Hospedaria. Ilha das Flores. Sem data. Autor desconhecido. Coleção Leopoldino Brasil. Coleção Particular.

Após os procedimentos médicos sanitários, os imigrantes recebiam roupas de cama e pedaço de sabão; em seguida, dirigiam-se para os respectivos alojamentos. Alguns, por consequência da viagem, eram encaminhados a uma das enfermarias para recuperação dasaúde e cuidar de doenças infecciosas adquiridas durante o trajeto.

No caminho, segundo relato de Zuleika Brasil,[16] funcionária da hospedaria até 1955, os imigrantes passavam por uma placa escrita em vários idiomas: "Você era um estranho e o Brasil o acolheu".

No Refeitório eram servidas três refeições diárias: o desjejum, o almoço e o jantar.

Havia ainda a Lavanderia, a Carpintaria, o Posto Telegráfico, o Necrotério e o Balcão de Empregos.

16 Zuleika Brasil, depoimento aos autores em 12 maio de 2009.

FIGURA 9. Refeitório da Hospedaria. Ilha das Flores. Sem data. Autor desconhecido. Coleção Leopoldino Brasil. Coleção particular

FIGURA 10. Lavanderia da Hospedaria. Ilha das Flores. Sem data. Autor desconhecido. Coleção Leopoldino Brasil. Coleção particular.

A fase de recepção terminava com uma palestra, por meio da os imigrantes eram informados que deveriam achar um emprego dentro do prazo de oito dias, tempo máximo regimental que a Hospedaria se responsabilizaria por acomodá-los. Nesse sentido, havia um escritório, espécie de balcão de empregos. Vez por outra, empregadores apareciam na ilha com propostas de trabalho. Uma outra alternativa era o deslocamento para as cidades no entorno da ilha – São Gonçalo e Niterói – ou mesmo para a capital do país, em busca de trabalho.

Alojamentos

Havia quatro pavilhões destinados a acomodar os imigrantes que chegavam à hospedaria. Três alojamentos, destinados aos imigrantes adultos do sexo masculino, concentravam-se na ala norte da ilha, próximo à caixa d'água. O outro alojamento localizava-se na ala sul, abrigando as mulheres e também as crianças que acompanhavam suas mães. Seus pertences eram guardados nas malas ou baús que traziam da Europa e ficavam depositados nos porões dos dormitórios. Todos os pavilhões sofreram modificações entre 1946 e 1947, mas foi o alojamento feminino objeto das maiores transformações, ganhando inclusive um segundo pavimento. Essas reformas proporcionaram mais conforto aos imigrantes que chegaram após o fim da II Guerra Mundial na Europa. O prédio sul ainda hoje é usado como alojamento daqueles que aí prestam serviço. Os outros prédios são usados como departamentos administrativos das várias companhias que compõem a Tropa de Reforço dos Fuzileiros.

FIGURA 11. Pavilhão 1.
Alojamento masculino.
Construção de finais do século XIX.
Ilha das Flores.
Sem data. Autor desconhecido.
Coleção Leopoldino Brasil.
Coleção particular.

FIGURA 12. Dormitório de Imigrantes. Ilha das Flores.
Sem data. Autor desconhecido.
Coleção Leopoldino Brasil.
Coleção Particular.

Funcionários

Entre os vários profissionais que ali exerceram suas atividades havia médicos, cozinheiros, carpinteiros, telegrafistas, intérpretes e responsáveis por serviços administrativos.

FIGURA 13. Escritório da Hospedaria. Leopoldino Brasil é o serventuário da direita. Ilha das Flores. Sem data. Autor desconhecido. Coleção Leopoldino Brasil. Coleção particular.

Os trabalhos na hospedaria começavam já de madrugada. A cozinha era responsável por fazer o café e começar os preparativos para o almoço. Ainda cedo, ligavam-se as caldeiras das embarcações que iriam ao Rio de Janeiro buscar mantimentos, funcionários e imigrantes. Seguiam-se os trabalhos diários: consultas médicas e odontológicas, envio de correspondências, limpeza e manutenção dos prédios. Todo esse trabalho só tinha fim quando eram guardadas as últimas peças da louça que serviam para alimentar até 3500 pessoas.

Muitos funcionários, por suas funções, moravam na Ilha. Seus filhos brincavam entre os pavilhões, tomavam banho e pescavam na Baía de Guanabara, conviviam com homens vindos de outros continentes e de outras regiões do Brasil e se tornaram funcionários também. Entre os que residiam na ilha estavam o médico, o farmacêutico, o eletricista e o diretor.

FIGURA 14. Centro Esportivo da Ilha das Flores. Time de Futebol dos funcionários da Hospedaria. Ilha das Flores. Sem data. Autor desconhecido. Coleção Leopoldino Brasil. Coleção Particular.

FIGURA 15. Residência de funcionários. Ilha das Flores. Sem data. Autor desconhecido. Coleção Leopoldino Brasil. Coleção particular.

Ilha do Carvalho

Após a abolição da escravidão, o governo do estado do Rio de Janeiro incentivou a utilização do trabalho imigrante em larga escala. Tendo em vista a experiência da Hospedaria da Ilha das Flores, a administração fluminense criou órgãos congêneres visando acomodar aqueles trabalhadores que se dirigiam ao seu território: a Hospedaria de Niterói, na Ilha do Carvalho; a Hospedaria de Cabiúnas, em Macaé; e a Hospedaria de Boa Vista, no Vale do Paraíba.[17]

Em 1º de outubro de 1896, foi instalada na Ilha do Carvalho a hospedaria de Niterói, cuja função era receber os imigrantes que vinham para o Brasil com contrato para trabalhar no estado do Rio de Janeiro. A maioria desses trabalhadores era agricultor e veio com as suas famílias. O governo fluminense intermediava os contratos de trabalho entre os fazendeiros e os imigrantes. Aqueles que não atendiam às exigências dos contratos eram encaminhados à Hospedaria da União (da Ilha das Flores) e caracterizados como "recusados". A hospedaria de Niterói era considerada estratégica por sua localização, suas dependências e os serviços oferecidos aos recém-chegados. Ela contava com alojamentos, cozinha, farmácia, refeitórios e enfermarias. A hospedaria de imigrantes da Ilha do Carvalho teve curta duração e fechou em 1901.

Outros usos da Ilha das Flores

Durante o período de atividades da Hospedaria de Imigrantes, a Ilha das Flores teve também outros usos, especialmente o de presídio militar.

Essa situação não era incomum. A Hospedaria de Imigrantes de São Paulo passou pelo mesmo processo. Parte desta Hospedaria foi transformada, em 1924, em presídio político onde foram retidos opositores de Arthur Bernardes. Em 1943, devido à posição adotada pelo Brasil com seu ingresso na II Guerra Mundial, imigrantes japoneses e alemães foram expulsos de suas terras no litoral paulista e retidos na Hospedaria sob fiscalização do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Ainda nesse ano, a Escola Técnica de Aviação ocupou as dependências da Hospedaria, ali permanecendo até 1951.[18]

Os primeiros indícios dos outros usos pelos quais passou a ilha foram localizados em 1915. O jornal *O Fluminense* noticiava que moradores sem teto da capital federal eram embarcados no cais Pharoux, às 19h, e pernoitavam nos pavilhões da Ilha das Flores. Por volta das 6h eram levados de volta.[19]

Em 1917, com a entrada do Brasil na guerra, em nome da Segurança Nacional, a Ilha das Flores foi transferida do Ministério da Agricultura para o da Marinha. Foi também nesse momento que,

17 ZAIDMAN, Diana. *Op. cit.*

18 PAIVA, Odair da Cruz. *Breve história da Hospedaria de Imigrantes e da Imigração para São Paulo.* São Paulo: Governo do Estado/SEC/Memorial do Imigrante, 2007.

19 *O Fluminense*, Niterói, 4 de maio de 1915, p. 1.

pela primeira vez, a ilha foi usada como presídio militar, com o recolhimento de tripulantes de navios alemães à ilha.[20]

Os tenentes Juarez Távora e Cordeiro de Faria foram recolhidos à Ilha das Flores após o levante do Forte de Copacabana. Vários outros militares revoltosos lá estiveram presos durante a década de 1920.[21]

Prisioneiros paulistas da Revolta Constitucionalista estiveram por lá entre agosto e outubro de 1932. Passaram pelo presídio 3780 combatentes, segundo Agenor Lopes de Oliveira, diretor do hospital prisional.[22] Agenor Oliveira estava na ilha há pouco mais de um ano chefiando o serviço médico da Hospedaria. O seu relato é rico testemunho sobre a época. A ordem para que se transformasse parte da ilha em presídio levou funcionários e migrantes a um intenso trabalho nos pavilhões 1, 2 e 3, além das enfermarias. Naquele momento, a ilha ainda abrigava cerca de 600 migrantes nordestinos flagelados pelas secas de seus locais de origem e ficaram restritos ao pavilhão 4. O presídio foi entregue à direção do Tenente Lopes da Costa, e ficou sob jurisdição da Polícia Militar do Distrito Federal. Para dividir os espaços, ao longo desses três meses, foi instalada uma cerca de arame farpado eletrificada de quatro metros de altura.

Na madrugada do dia 19 de agosto desembarcaram 800 homens, que foram atingidos por piolhos, carrapatos e "muquiranas". Para tratar de todos eles, o médico contava apenas com a enfermeira Isabel Schneider Brauner. Ao descobrir, naquele contingente de 800 homens, médicos, dentistas, farmacêuticos e enfermeiros, o dr. Agenor Oliveira formou um corpo de assistentes para atender aos prisioneiros.

Uma vez medicados, os prisioneiros procuravam criar distrações. Eram entabulados debates sobre religião, filosofia e estratégia militar. Os poucos jornais que apareciam eram lidos até o esfacelamento. Jogavam malha usando pés de ferro das camas dos alojamentos. Os prisioneiros também realizavam "sessões cívico-cômico-literárias" em que eram proferidos discursos e declamados versos, contavam histórias, e cantavam músicas. Tudo isso era transmitido pela P.R.A.X. Ilha das Flores, simulacro de uma rádio criada, dirigida e apresentada por um dos prisioneiros. Além da rádio, foi criado o jornal *O peixe*, escrito em uma parede. Peixe era como denominavam um boato…

Uma das coisas que os prisioneiros mais detestavam era o feijão preto servido nas refeições. À tarde serviam-lhes café e se realizava "uma tocante cerimônia": todos de pé bebiam "a famosa rubiácea em homenagem a S. Paulo".[23]

Esse grupo original foi acrescido ao longo do tempo e, depois, transferido para a Ilha Grande. O aumento do número de prisioneiros levou o coronel Valêncio Xavier a transferir os migrantes para a Ilha do Carvalho e a ampliar o presídio militar, ocupando praticamente todas as instalações da Hospedaria.

---

20 *Revista da Semana* de 7 de julho de 1917.

21 KUSHNIR, Beatriz. *Op. cit.*; e ARAGÃO, Isabel Lopez. *Da caserna ao cárcere: uma identidade militar-rebelde construída na adversidade (1922-1930).* Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social, UERJ, São Gonçalo, 2011.

22 OLIVEIRA, Agenor Lopes de. *Op. cit.*

23 *Ibidem*, p. 61.

Em 3 de outubro oficialmente a Ilha foi informada sobre o fim da Revolta Constitucionalista. Em 31 de outubro de 1932, o último prisioneiro deixou a ilha. Três anos depois, em 1935, a ilha voltou a dividir seu espaço, ao ser usada como presídio para alguns prisioneiros da Revolta Comunista.

A II Guerra Mundial, conflito deflagrado em 1939, causou a diminuição do afluxo de imigrantes para o país e influiu nas atividades da Hospedaria. Segundo João Martins de Almeida, seu diretor, neste ano, "a pedido do Consulado inglês, foi alojado nesta Hospedaria um grupo de tripulantes indianos que, em virtude da guerra, foram obrigados a desembarcar de bordo de navios alemães onde trabalhavam".[24]

A Ilha das Flores, além de abrigar refugiados de guerra – "foram recolhidos diversos refugiados de guerra… a grande maioria de nacionalidade polonesa" – voltou a abrigar um presídio militar "para recolher elementos implicados em 'quintacolunismo'".[25]

A direção deste presídio foi acumulada por João de Almeida, que redigiu seu regulamento. Estabelecia-se um rígido controle de informações de entradas e saídas da ilha. Fixavam-se os horários das refeições, o toque de recolher, a revista aos prisioneiros e a prática esportiva. Uma vez por semana, os familiares dos detentos poderiam visitá-los e estes tinham o direito de eleger um representante junto às autoridades para tratar de assuntos como alimentação, vestuário etc.[26]

Antes mesmo da aprovação de seu regulamento, a ilha havia recebido prisioneiros. Em 6 de julho foram ouvidos 46 detentos que declaravam não fazer nada contra o Brasil e que propagandeavam o nazismo antes do ingresso brasileiro no conflito, não o fazendo mais após esse momento. Neste ano de 1942, foram retidas na Ilha das Flores 349 pessoas.[27]

O diretor relata também a instalação, na ilha, em 1944, de um Serviço de Encaminhamento de Trabalhadores para a Extração de Borracha no Mato Grosso. "Estas pessoas são recebidas na Ilha, inspecionadas, devidamente imunizadas e equipadas pra seguirem destino aos seringais" daquele estado. Até 30 de junho daquele ano, já haviam sido enviadas 650 pessoas para este destino.[28] A publicação oficial *No front da Borracha*, que visava propagandear as atividades que envolviam a produção da borracha no Mato Grosso, traz oito imagens dos trabalhadores reclusos na Ilha das Flores em preparação para a viagem e informava os procedimentos que ali eram tomados para esse envio.[29]

O término do conflito deixou profundas marcas entre os povos envolvidos e promoveu um amplo debate sobre a questão da convivência entre os povos. Seu desfecho e a configuração de uma nova

24 *Resumo das ocorrências mais importantes na Ilha das Flores, desde o ano de 1939*. Documento remetido por João Martins de Almeida ao Departamento Nacional de Imigração. S/l: s/d. mimeo. Acervo Pessoal de Marilene Martins de Almeida.

25 *Ibidem*, p. 3.

26 Regulamento do Presídio da Polícia Civil instalado em uma Seção da Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores. 10/08/1942. Acervo: APERJ.

27 *Ibidem*, p. 4.

28 *Resumo das ocorrências… op. cit.*, p. 4.

29 *No front da borracha*, nº 13, set. 1944, p. 4 e 5.

geopolítica internacional proporcionaram um novo contingente imigratório: os refugiados de guerra. A hospedaria voltou a receber um grande afluxo de imigrantes.[30]

Em 1954 foi criado o Instituto Nacional de Imigração e Colonização e, com isso, a gerência da Hospedaria da Ilha das Flores retornou ao Ministério da Agricultura, órgão que detinha a jurisdição sobre o referido instituto. Gradativamente houve a diminuição do número de imigrantes ali alojados até o seu fechamento oficial em 1966.

Antes disso, no início de 1964, 600 lavradores sem terras do interior do estado foram deslocados para a Hospedaria, enquanto aguardavam a desapropriação das terras das quais foram alijados.[31]

Cessadas as atividades da Hospedaria, foi instalado na Ilha das Flores o Cenatre, Centro Nacional de Treinamento para oficiais militares administrado pela Marinha. Três anos depois "o comandante Clemente Monteiro Filho montara, com um destacamento de fuzileiros navais, seu pequeno campo de concentração da Ilha das Flores".[32] O centro de tortura para prisioneiros opositores ao regime militar, instaurado após o golpe civil-militar que derrubou o presidente João Goulart, deixou de existir com a criação do DOI-CODI, entre finais de 1969 e início de 1970, segundo Maria Fernanda Scleza.[33] Localizado na Ponta dos Oitis, o centro fixava-se no local onde havia pequenas casas que serviam para guardar os equipamentos de tortura e onde elas eram praticadas.

O presídio utilizou as antigas instalações da Hospedaria que anteriormente serviram para atividades congêneres: a ala norte. Um dos alojamentos, repleto de quartos de ambos os lados, foi transformado em carceragem. No final deste pavilhão ficava a ala feminina e as celas dos presos incomunicáveis. Esta se voltava para São Gonçalo. A ala masculina voltava-se para a baía de Guanabara.

O grupo estudado por Maria Fernanda Scleza permaneceu detido na Ilha das Flores entre 1969 e princípios de 1971. Grande parte dos entrevistados – oito no total – deixou o presídio nas negociações de troca pelo embaixador suíço sequestrado em dezembro de 1970. Experiência marcante na configuração da memória e da identidade desse grupo, levou-os a "instituir" o Partido da Ilha das Flores. Esse partido informal reúne-se anualmente, em 13 de janeiro, desde que retornaram do exílio na década de 1980. Além de relembrar as histórias de resistência ao regime militar, celebram a amizade cultivada a partir dessas experiências comuns.

---

30 Até o momento foram entrevistados vinte imigrantes que passaram pela Ilha, quase todos chegaram após 1945. Uma das entrevistadas, Anna Toncic, se declarou refugiada de guerra. Imigrante iugoslava, hoje sua região natal pertence à Eslovênia. Fugiu junto com o marido Ivan Toncic para o Brasil e chegou ao porto do Rio de Janeiro no vapor Castelbianco no dia 15 de fevereiro de 1952. Na Iugoslávia, era responsável pela contabilidade de uma pequena cooperativa agrícola, durante o regime comunista de Tito. Declarou que fugiu de sua região devido à descrença no regime e à falta de liberdade.

31 "Optantes policiam a Ilha e infratores" *Correio da Manhã*, 1º caderno, 18 mar. 1964, p. 7-9.

32 GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 263.

33 SCLEZA, Maria Fernanda Magalhães. *Informação, identidade e memória: o espaço prisional da Ilha das Flores pela ótica dos ex-prisioneiros políticos da Ditadura Militar*. Monografia (graduação em História) – Unirio, Rio de Janeiro, 2006.

Palavras finais

Este inventário preliminar sobre experiências, vestígios e narrativas referidas à Ilha das Flores representa, na prática, uma primeira reflexão em tudo comprometida com o valor das memórias e histórias associadas ao lugar.

O conjunto de vestígios e narrativas aqui reunido nos apresenta a Ilha das Flores como um espaço rico em múltiplas experiências históricas. Destas, a Hospedaria de Imigrantes, que ali se estabeleceu entre 1883 e 1966, possui destaque. Não apenas por ter sido a experiência mais longeva ali vivenciada, mas principalmente porque foi a experiência fundadora, matriz do que veio a seguir. A experiência da recepção oficial a imigrantes – no plano material, a construção de prédios para alojar mais de mil pessoas; no plano simbólico, as práticas de assistência – possibilitou o desenvolvimento de outros usos para aquele espaço, estando todos eles estreitamente vinculados às formas e funções que se modelaram na Hospedaria.

Apesar de ter sido a primeira experiência do gênero, no país, a dinâmica da Hospedaria da Ilha das Flores e os processos históricos ali vivenciados carecem de análises e de narrativas sistematizadas. Analisar a história desta hospedaria pode nos levar a compreender uma gama variada de temas como as políticas públicas de imigração, os processos de inserção desses grupos às comunidades de destino, as redes parentais, comunitárias e étnicas; a constituição de novos laços econômicos e culturais, entre outros. A criação do Centro de Memória da Ilha das Flores tem como objetivo fomentar tal debate.